

O TYPOGRAPHO.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

Collaboradores—Diversos.

Este jornal pertence aos typographos da Regeneração. Publica-se uma vez por semana, aos domingos. Preço da assignatura : por uma série de 10 numeros 1\$000, pagamento adiantado.

2.ª Serie | Desterro, 27 de Outubro de 1872. | N. 14

O TYPOGRAPHO.

Desterro, 27 de Outubro de 1872.

Amor da gloria.

O homem tem desejos na vida, que, poderosas alavancas, lhe levantão o espirito á maior altura, e o assemelhão o mais que é possível ao seo Creador—o da gloria é um delles.

Filha da admiração que de todos extorque a virtude, unica e grande recompensa das almas verdadeiramente nobres, a gloria contudo é um phantasma que corre adiante de quem a segue, e que leva á miseria e á desgraça!

Em cada um facto brilhante das sociedades, em to los os passos que o espirito humano deu na perfectibilidade, sempre a generosa ambição de gloria foi o incentivo que moveu o homem.

Exemplos disso se encontrão por toda a parte: na historia das letras, das sciencias e na dos estados.

Homero, Dante, Camões, Tasso e Milton, morrerão pobres e esquecidos—e as corôas que ornão seus tumulos, nunca na vida lhes fizerão pulsar o coração com a alegria dos justissimos triumphos.

Hannibal, vencedor de Roma, suicidou-se na córte do rei Prusias para escapar ao encarnicamento de seus inimigos, e Napoleão vai morrer no estreito desterro de Santa Helena, cheio de

desgostos envenenados talvez pela politica traidora da Inglaterra!

Mas quantos serviços não deve a humanidade a esse desejo tão digno de elevação de sua natureza?

Sem elle existirião acaso esses monumentos grandiosos da intelligencia, que são como marcos lançados na grande estrada das civilisações, e que designão cada um periodo distincto. Homero vem depois da queda de Troya—marca o primeiro passo dado pela Grecia na sua carreira conquistadora, como essas duas pyramides que parecem sentinellas perdidas, postas, pela civilisação magnifica do Egypto, em frente dessa Arabia, donde lhe devião vir duas vezes os destruidores de suas glorias artisticas e politicas—seus monumentos e seu governo.

A historia nos aponta, ao lado dos movimentos mais notaveis, o nome dos grandes vultos que os symbolisam,—assim como logo commemora a estes o destino infeliz que os faz acabar na desgraça.

As descobertas nas sciencias, o aperfeiçoamento nas artes, o progresso da lavoura, da industria e melhoramento no commercio, lembram uma serie de homens que o só amor da gloria levou ao estudo.

Esses feitos heroicos das guerras, essas viagens e emprezas memoraveis, esses intentos surprehendentés, tantos rasgos sublimes e magestosas accções, tem o amor da gloria por origem.

Ao que devem as letras todo o seu brilho e esplendor?

Foi também ao desejo da gloria que se deverão essas instituições que tanto honrao o homem. A organização das associações militares, religiosas e civis, os hospícios e asylos, as academias, e fontes de instrucção, todas nasceram do amor da gloria.

O desejo da gloria é pois um dos meios mais poderosos do engrandecimento e felicidade das sociedades.

Ai da humanidade, se lhe falta o desejo da gloria!

ROMANCE

Maria.

ou

MEMORIAS DE UM SEDUCTOR.

I

MARIA.

Chamava-se Maria.

Era flexivel como o caule do mimoso lyrio, altiva como o soberbo carvalho, e candida como os anjos.

Seus nêgros cabellos cahidos em longos e reluzentes annéis sobre as brancas espadoas, e lévemente agitados pelas odorantes brizas da tardinha, quando ella se-assentava na soléira de sua solitaria casinha, alva, no meio de esmeraidinos prados, como o cysne que docemente se-sustenta, suspirando à flor das agoas de crystalino ribeiro, com o rosto occulto nas mãos de peregrina belleza; seu rosto moreno e corado como o formoso jambo, era bello como a solitaria flor que desabrocha ao abrigo das serranias.

Maria era um anjo de formosura.

Vi-a pela primeira vez na igreja: e-me-a logo.

D'ahi principiei à todas as tardes ir passar por sua habitação, parar, procurando vel-a, ancioso e com a alma cheia

de duvida e felicidade, mas debalde: ella não apparecia.

II

A VELHA MALDICTA.

No fim de um anno d' esta vida de illusões e tormentos, vi-a: não era a mesma, não era Maria de outr' ora: estava pallida como um cadaver, trémula como a rasteira vassourinha agitada pelo vento da tempestade.

Perguntei-lhe o que sentia: olhou-me assustada e retirou-se.

Pouco distan e de sua casa, morava uma velha: dirigi-me à ella.

Depois de varias perguntas que lhe fiz, respondeo-me que Maria não era o que parecia ser. Que na belleza igualava os anjos, mas nos seus sentimentos, na sua maldade rivalisava com Satanáz; e que o motivo da sua extrema pallidez, que eu tanto notá-a, era uma terrivel molestia que tivera por seus pais quere-rem que ella cazasse com o filho de um abastado camponez da visinhança.

Senti meu coração batter descompasado — era de felicidade, porque Maria não era indifferente ao meu affecto.

A vontade que tive e que quasi puz em practica, foi de torcer o pescoço à maldicta velha, mas contive-me, contentando-me somente em rebatter as suas asserções.

Depois soube que essa damnada mulher não tinha outro officio mais do que — fallar mal da vida alheia — até da de Maria que estava constantemente lhe fazendo beneficios.

Sahi de sua casa.

III

LAGRYMAS.

Durante um mez não passei mais para aquellos lados; mas a desgraça tomou-me para seu ludibrio e obrigou-me a voltar.

A' porta da casa de Maria, estava um velho chorando.

«Cheguei-me a elle e perguntei-lhe o motivo porque assim se affligia.

A unica resposta que me deo, foi apontar para dentro.

Olhei.....e vi Maria deitada num tecto leito e gemendo.

Senti o sangue parar-me nas veias.

Chorando tambem, perguntei ao velho se queria que chamasse um medico.

Elle fez-me um signal affirmativo com a cabeça, e eu sahi.

Quando cheguei a encontrar um medico que me quizesse acompanhar, era noite cerrada.

Ameaçava temporal: o céu estava coberto de grossas nuvens, o vento do sul começava a soprar forte, e já se ouvia a trovoadá ao longe.

Mas a nada attendi.

(Con inúa)

A laranjeira.

«E' uma historia bem triste para o coração de uma mãe, continuou depois de alguns momentos de silencio. Ha n'essa morte de minha filha um facto que não sei explicar, porem que se deu a meus olhos e que conservo, ainda hoje bem profunda a impressão.»

E começou a contar-nos o seguinte :

« Roza era uma linda menina, boa e santa como um anjo do Céu. Não é por ser mãe que assim fallo; todos os que a conheciam, todos os que a vião, davão-lhe o nome de anjo, que a boa menina tanto merecia.

« Tinha eu como que um presentimento de que não viveria ella muito tempo; anjo descido do seio de Deus devia voltar para o Céu, depois de haver peregrinado por algum tempo n'esta terra, que não era sua.

« Eu lhe queria como a primeira e a unica filha das minhas entranhas, amara-a com todo o affecto de mãe, e desculpem-me, chegava até a veneral-a como se fôra uma santa.

«E Roza me queria tambem; aquelles olhos azues se fitavão em mim com uma expressão de indizivel ternura; aquelles labios tão vermelhos me sorrião com tanto amôr, que as lagrimas me molhavão as faces.

« Não se parecia a pobre creancinha com as outras, não lhe agradavão os brincos da infancia, não corria ligeira, não se reunia as outras meninas, nesses folguedos que tanto as enlevão e distrahem.

« Tinha no semblante um que de triste e melancolico e emquanto as meninas de sua idade corrião pela praia, apanhando as conxinhas do mar, ia ella sentar-se á sombra de uma laranjeira, que crescia no jardim

« No dia em que na cêra plantára o pai aquella laranjeira, que tinha a mesma idade que Roza, e á qual tanto se afeiçoára ella.

« Muitas vezes já o sól havia desaparecido, já o sino da Capellinha havia tocado á Ave Maria e eu ia encontrar alli a pobre creança, sentada no chão, com a fronte pousada nos joelhos pensativa e triste, como a estatua da meditação.

« De repente começou a emmagrecer, ia-lhe pouco e pouco desaparecendo o appetite, as faces se vão tornando cavadas e pallidas, e cada vez mais triste mais melancolica era a expressão do seu semblante.

«E' cousa notavel! a laranjeira que nascera com ella e á cuja sombra tantas vezes ia scismar, frondosa e bella até então, ia amarellando e definhando, como se mal occulto lhe minasse as raizes.

« Nada como a pobre menina, alimentando-se apenas das laranjas, que raras ainda pendião da arvore.

« E ia emmagreecendo e definhando, sem que se lhe conhecesse molestia alguma, sem que se lhe notasse febre, sem queixar-se, sem gemer.

O TYPOGRAPHO.

« Apenas os olhos tão azues se ião sumindo, as faces se decompondo... e depois sobreveio lhe o abatimento e a prostração.

« Uma noite eu velava no pé d'ella.

« O pulso tinha-o tão fraco, que o não sentia. Ouvi-lhe a respiração meia suffocada; ergui-me, debrucei-me para ella, que parecia acordar e sorrio-me estendendo os bracinhos. Depois murmurou meu nome, soltou um suspiro... e minha pobre filha estava no Céu.

« A laranjeira, que com ella nascêra, no dia seguinte também amanheceu morta. »

A pobre velha calou-se e duas lagrymas lhe corrêra silenciosas pelas faces pallidas e cavadas.

(Extr.)

Aimbire.

Na taba dos brancos
Quem ha tão valente,
Que intrépido, ardente
Na luta se-atire
Qual torva borrasca
Que ao perto desaba ?
Quem ha n'essa taba
Como é Aimbire ?

Passando as montanhas,
Os rios vencendo,
E as selvas rompendo,
Reúne os guerreiros,
A todos inflamma
Co' a propria pujança:
P'r'a grande vingança
Tem mil companheiros.

Pesados tacapes,
Mil arcos robustos.
Guerreiros adustos
Audazes manejam ;
Inubias atroam
Floresta e montanha,
Que os fortes com sanha,
Vingança desejam.

Os brancos ferozes
Seus filhos roubaram,
Seus pais condemnaram,
A' sorte de escravos :

Armados de raios,
Trovões despediram
E o m do incutiram
Nos peitos dos bravos :

Somente Aimbire
Não teme seus raios,
Nem sente desmaios
No peito guerreiro ;
Os fortes inflamma,
Pavores desterra,
E aos lances da guerra
Corre elle primeiro.

Brandindo o tacape,
Prostrando os mais fortes,
Semeia mil mortes,
Mil cran os semeia ;
No ardor dos ataques
Quando elle apparece,
O inimigo arrefece,
Passagem franqueia.

Na taba dos brancos
Quem ha tão valente,
Que tão audazmente
Na luta se-atire ?
Qual torva borrasca
Sob e elles desaba ;
Ninguem n'e sa taba
Resiste a Aimbire.

1871

N.

CHARADA.

Ves aqui uma medida — 2
e ves um peixe tambem — 2
e ves no todo — uma coisa, —
que grãos de areia contem

A decifração da charada do n. 12 é
—Alvará— Na segunda linha da dita
charada em vez de l syllaba—leia se—2
e a do n. 13 é —Marmara.—

Typographia da «Regeneração» Largo
de Palacio n. 32